

"PUNCTUM SONORO": O SOM SIGNIFICANTE NA PAISAGEM SONORA

ANDRÉ BARBACHAN SILVA¹; REGINALDO DA NÓBREGA TAVARES²;
ANGELA RAFFIN POHLMANN³

¹Universidade Federal de Pelotas – tecobarbachan@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – regi.ntavares@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – angelapohlmann@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

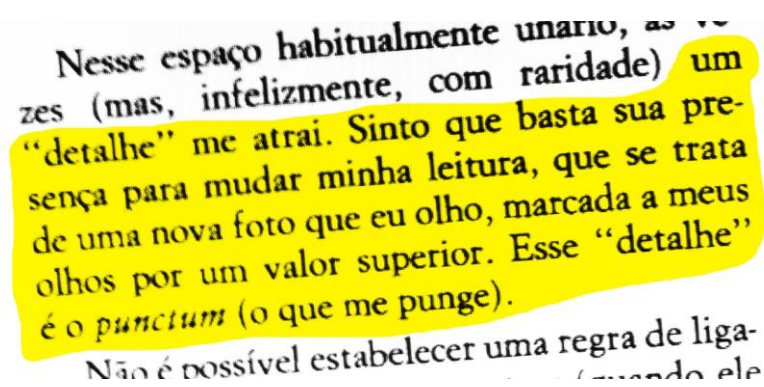
Esta pesquisa está sendo desenvolvida no Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas. Tem como objetivo investigar as 'sonoridades significantes' dentro da paisagem sonora ou *soundscape* (SCHAFER, 2011, p.23). Este estudo visa a compreensão do ambiente em escuta, identificando os sons que caracterizam a paisagem.

Considerando que somos todos ouvintes do mundo, não posso deixar de lado toda a gama de sons que me cercam. O ouvido não pode ser "fechado" negando a escuta. Funciona quase ao contrário dos olhos, que possuem a faculdade de "negar" a imagem.

"O terror é o estado normal de qualquer sociedade oral, pois nelas, todas as coisas afetam tudo, o tempo todo" (McLUHAN, 1977, p.32). Entretanto, somos capazes de praticar uma escuta seletiva ou focada (SCHAFER, 1992), pois, como uma antena, canalizamos o sentido priorizando elementos sonoros de interesse pessoal. Um exemplo é a 'bela melodia' de uma música ou aquele 'som violento' da velha máquina de lavar roupas no processo de centrifugação. Até mesmo, quando estamos em uma praia lotada o "fóinn-fóinn" emitido pela buzina do carrinho do sorveteiro consegue alcançar nossa atenção destacando-se em meio a tantas sonoridades.

Para conceituar os elementos sonoros significantes na paisagem sonora apropriei-me dos conceitos *punctum* e *studium* identificados na fotografia por Roland Barthes como forma de interpretação da imagem (BARTHES, 1984).

A palavra *Studium* sobre a ótica de Barthes não quer dizer de imediato "estudo" mas sim o gosto por algo, uma espécie de educação, saber. Considero que tal saber está relacionado à percepção das sonoridades diversas que compõem uma atmosfera acústica, ou seja, o lugar gravado trazido na paisagem sonora (Fig. 1).



Nesse espaço habitualmente unário, as vezes (mas, infelizmente, com raridade) um "detalhe" me atrai. Sinto que basta sua presença para mudar minha leitura, que se trata de uma nova foto que eu olho, marcada a meus olhos por um valor superior. Esse "detalhe" é o *punctum* (o que me punge).
Não é possível estabelecer uma regra de ligação...

Figura 1: Trecho do livro A Câmara Clara de Roland Barthes (1984).

Porém, o conceito que desperta interesse é o que Barthes considerou como "elemento de contato" na fotografia. O componente especial lá inserido é que tem a potencialidade de fazer com que o observador seja tocado. É o *punge*, o que pica. Essa ponte entre imagem e observador Barthes chamou de *Punctum*.

Assim, esta pesquisa busca identificar, dentro da paisagem sonora, elementos sonoros significativos para a compreensão do que se escuta. Ou seja, a partir de amostras de sonoridades, buscar o elemento chave que tenha assim como o *punctum* de Barthes potencialidade de tocar o ouvinte. O que chamo de *punctum* sonoro é o elemento dentro da sonoridade com qualidades ímpares que o tornem especialmente significativo ou notado por determinado grupo. Podemos concordar com as afirmações de SCHAFER (2011), para quem a sonoridade deve ser preservada.

2. METODOLOGIA

Uma paisagem sonora é compreendida por elementos ouvidos e não vistos. É necessário fechar os olhos e ouvir. Essa prática de ouvir em silêncio é um processo feito antes da captação do som. Tal prática é chamada por Schafer (1991) de limpeza dos ouvidos.

A paisagem sonora desta pesquisa foi gravada na região da campanha no município de Herval no estado do Rio Grande do Sul. Escolhi esse lugar por conter ainda certa condição de cidade "pacata". Nos seus arredores, meu propósito foi analisar sonoridades oriundas do ambiente natural, com mata nativa e costa de arroio. Coletei dez paisagens sonoras.

Para fazer a captação sonora posicionei o gravador em pontos diferentes com o intuito de fazer uma melhor cobertura da atmosfera acústica em uma área de aproximadamente três hectares.

Defini o tempo de gravação de cada captação em um minuto. Durante a gravação posicionei-me a uma distância de aproximadamente cinco metros do equipamento para evitar que minha respiração interferisse na paisagem captada.

Após a coleta de campo, o trabalho foi analisado em estúdio para medições nas frequências. Os arquivos foram comparados e organizados para que todos os áudios possuísem a mesma intensidade sonora. Para isso utilizei sala com isolamento acústico, monitores de áudio e programas de computador específicos para o tratamento de arquivos sonoros.

Com as frequências alinhadas, os arquivos ficaram prontos para a audição. Optei por uma escuta coletiva das paisagens sonoras. Convidei um grupo de dez pessoas de distintas áreas do conhecimento para esta escuta. Não falei, em momento algum, sobre a procedência das paisagens sonoras. Em silêncio, pedi para que ouvissem as dez sonoridades com atenção, uma de cada vez. Pedi que fizessem anotações em uma folha em branco sobre o que ouviram. Perguntei: o que perceberam e qual lugar era aquele? Seria dia ou noite? Quais elementos se faziam presentes?

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após o exercício da escuta pedi para que não escrevessem mais nada na folha. Dei início a um breve período para o diálogo, onde cada um fez uma pequena descrição do lugar.

Todos notaram a presença de água. - Muita água! (disseram alguns). Também observaram que essa água não era de uma praia. - Se fosse mar teria mais vento (disseram). - Essa água parece estar sendo jorrada com força. - Parece que bate em algo sólido, um arroio com pedras. Estas foram as observações feitas por eles.

Ouviram uma diversidade de aves, e o ventar nas folhas das árvores, mas asseguraram que o som mais significativo e que tinha capacidade de conduzir o imaginário era o som da água.

Em seguida mostrei algumas imagens como esta, que revela onde foram gravadas as paisagens sonoras (Fig. 2).



Figura 2: Imagem do lugar onde foram captadas as sonoridades.

4. CONCLUSÕES

O pequeno grupo que participou desta experiência sonora elegeu, sem influência visual, a água como o elemento sonoro mais significativo. Tratava-se da água corrente do arroio. Essa sonoridade possui o potencial que chamo de "*punctum* sonoro", ou seja, o som significativo na paisagem sonora; a sonoridade capaz de tocar, de engenhar dentro de um espaço tênue uma ponte imaginária que liga o invisível ao real.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, R. **A Câmara Clara. Nota sobre a fotografia.** Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

McLUHAN, M. **A Galáxia Gutemberg.** 2 ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1977.

SCHAFER, R. M. **A afinação do mundo.** Tradução Marisa Trench Fonterrada Teixeira Motta. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

_____. **A sound education.** Canadá: Ed. Arcana Editions, 1992.

_____. **O ouvido pensante.** São Paulo: Editora UNESP, 1991.

Agradecemos à CAPES e ao CNPq pelo apoio às pesquisas que deram origem a este texto.